REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	-$-	-$-
Extrangeiro (união geral dos correios).	5$000	2$500	-$-	-$-

9.º ANNO — VOLUME IX — N.º 256

1 DE FEVEREIRO 1886

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO

LISBOA. L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

CHRONICA OCCIDENTAL

O theatro de S. Carlos este anno não deixa descançar as chronicas. Esta semana, que acaba justamente com o mez de janeiro, deu-nos nada menos que duas operas, dois *successos*, dos quaes um verdadeiramente extraordinario.

A companhia trabalha a valer, e trabalha sob uma direcção intelligente, uma direcção habil, que sabe aproveitar todos os bellos elementos artisticos que n'essa excellente companhia abundam.

Depois do grande exito triumphal da *Semiramis*, S. Carlos deu-nos o *Elixir de amor*, que, apesar de cantado explendidamente por Masini, não fez carreira, pelo motivo que apontámos na nossa ultima chronica: não ter a partitura merecimento bastante para triumphar do tempo que sobre ella passou. Depois do *Elixir*, a *Favorita*.

Ha muito tempo prompta para subir á scena, esta formosa opera de Donizetti soffreu uns addiamentos por causa da doença da cantora a sr.ª Novelli.

Finalmente, na segunda feira passada, a *Favorita* appareceu no cartaz e appareceu no palco.

A curiosidade do publico ante esta opera era enorme. E comprehende-se bem essa curiosidade.

O Fernando d'esta *Favorita* era Masini, o grande tenor que, juntamente com Gayarre, occupa logar excepcional e unico no mundo lyrico contemporaneo.

Gayarre apresentou se ao publico de Lisboa na opera de Donizetti, e está ainda na memoria de todos a recordação gloriosa d'essa noite triumphal.

Nos tempos modernos do theatro de S. Carlos, o publico de Lisboa nunca tinha até então sido tão fortemente impressionado como o foi por Gayarre no *Spirito gentil*.

O *successo* do 4.º acto da *Favorita* foi collossal, uma acclamação ruidosa, uma ovação enorme que traduzia o deslumbramento, em que o publico estava, pela suavidade extranha, com que o grande tenor hespanhol cantara o celebre trecho de Donizetti.

Depois, Gayarre cantou mais operas em Lisboa, mas o effeito da *Favorita* nunca mais se produziu, o *successo* do *Spirito gentil* nunca mais o acompanhou.

Nos *Huguenotes*, na *Lucrezia*, Gayarre foi distincto, mostrou evidentemente ser um cantor de primeira ordem, mas o tenor excepcional da *Favorita* não tornou a apparecer em nenhuma d'essas operas.

Masini, o unico tenor que hoje se põe ao lado de Gayarre, está agora em Lisboa.

Ambos grandes artistas, a critica de todos os paizes do mundo por onde ambos teem passado occupara-se largamente e detidamente a estabelecer confrontos e a decretar superioridades.

Quando Masini chegou a Lisboa, os jornaes traduziram um d'esses artigos de critica comparada. Esse artigo dava a preferencia a Gayarre.

Não tendo ainda ouvido Masini senão n'uma opera, parte do publico de Lisboa acceitou as theorias d'esse artigo, que era muito bem feito, mas que tinha na nacionalidade do seu auctor motivo para se dar por suspeito.

Esse auctor era hespanhol, e, tratando de dois tenores, um hespanhol tambem e outro italiano, dava a preferencia ao seu compatriota.

Em Portugal não haveria motivo para nenhuma suspeição, ou infelizmente haveria pela razão contraria.

Mas em Hespanha não acontece o mesmo.

Nós entendemos que na critica de arte não deve entrar de modo algum o mais pequeno elemento de nacionalidade. Perante um artista, a critica não tem que saber, nem deve, a que terra pertence. O passaporte não faz parte das qualidades que a critica tem que analysar.

Entretanto os hespanhoes, muito ciosos da sua nacionalidade, muito orgulhosos das suas celebridades, não se esquecem nunca de elevar os seus patricios: e por isso a critica comparada de um artista italiano e de um artista hespanhol, feita por um hespanhol, não nos devia merecer absoluta e cega confiança.

Masini debutou nos *Huguenotes*. Agradou muito, apesar da musica de Meyerbeer não ser a mais propria para fazer brilhar as suas excepcionaes aptidões de *virtuose*. Depois cantou o *Rigoletto*, e fez prodigios maravilhosos de *virtuosidade* na celebre romanza de *La donna è mobile*. Cantou o *Mephistopheles*, e na romanza do ultimo acto deslumbrou completamente o publico. Cantou o *Elixir* de um modo surprehendente, no *Barbeiro de Sevilha* foi extraordinario, e a execução d'estas operas todas davam-lhe para o nosso publico uma grande superioridade sobre o Gayarre dos *Huguenotes* e da *Lucrecia*, e apenas o glorioso Gayarre da *Favorita* estava ainda de pé luctando triumphantemente na recordação dos lisboetas com o Masini do *Barbeiro*, do *Elixir*, do *Mephistopheles* e do *Rigoleto*.

De repente annuncia-se que Masini vae cantar a *Favorita*: era a batalha decisiva; ahi, n'essa opera em que Gayarre fôra collossal, n'essa opera em que todos se recordavam ainda vivamente de todas as notas prodigiosas do grande tenor hespanhol, é que se ia ver bem, comparar

A RAINHA D. MARIA CHRISTINA, REGENTE DE HESPANHA (Segundo uma photographia)

minuciosamente os dois grandes tenores, unicos hoje no mundo.

Já vêem que havia carradas de razão para se esperar anciosamente a primeira representação da *Favorita* pelo Masini.

E por isso, mal a symphonia começou, já estavam todos os *dillettanti* nos seus postos, o theatro completamente cheio de espectadores que iam fazer o confronto decisivo entre os dois grandes artistas.

E fez muito bem o publico em ir muito cedo, em ouvir a symphonia da *Favorita*, porque, regida pelo novo maestro que essa noite se estreou, o sr. Mancinelli, teve effeitos completamente novos, foi tocada com tal *entrain*, com tal brio, que mereceu logo uma ovação.

Finalmente, Masini entrou em scena e cantou a celebre aria do 1.º acto Na platea fez se grande silencio. Masini cantou explendidamente, com um grande colorido, com essa facilidade enorme de passa ida plena voz aos *smorzamentos*, que constitue um dos maiores encantos da sua prodigiosa *virtuosidade*.

O publico applaudiu-o muito, mas applaudira tambem muito Gayarre, e a balança da critica n'esse primeiro confronto não pendeu para nenhum lado: pesava muito de ambos, igualmente.

No duetto do segundo quadro, entre Fernando e Leonor, a balança começou a pender para Masini.

O illustre artista encontrou n'esse duetto effeitos que passaram desapercebidos a Gayarre, e o publico sentiu-o logo.

D'ahi por diante o tenor italiano começou a ter uma superioridade incontestavel sobre o tenor hespanhol.

Toda a grande scena do final do 3.º acto, em que Gayarre não se via, foi para Masini um enorme triumpho.

A figura de Fernando, *effacée* completamente quando Fernando era Gayarre, dominou toda a scena com Masini. O ultraje que pesa sobre *Il capo d'un re*, foi cantado e representado por Masini com grande energia e com maravilhas de bello canto.

No ultimo acto o *Spirito gentil* — o trecho mais glorioso de toda a grande nomeada de Gayarre, foi cantado explendidamente por Masini.

O effeito foi muito menor do que o produzido pelo Gayarre, apesar da interpretação de Masini ser, na nossa opinião, muito mais verdadeira; entretanto, Masini cantava depois de Gayarre e depois do grande effeito do *Spirito gentil* ter sido produzido por um artista excepcional de que esse trecho é a maior corôa, e ainda assim conseguiu fazer bisar esse trecho e ser applaudidissimo.

No começo do duetto que se segue com a soprano, Masini foi superior a Gayarre, do mesmo modo que lhe foi inferior no final d'esse duetto e na nota dilacerante que o fecha, e que era admiravelmente dita pelo tenor hespanhol.

Todavia deve-se notar que Gayarre cantou esse duetto com a Pasqua, que era uma artista extraordinaria e que compartilhava com elle — por egual — todo o grande *successo* da *Favorita*, e que Masini cantou-a com a sr.ª Novelli, que, não sendo uma artista da alta cathegoria da Pasqua, apesar da sua bella voz — estava, ainda para mais, n'essa noite visivelmente incommodada, com os vestigios da angina que a teve affastada da scena durante semanas, e que sobretudo do meio da opera para diante lhe transtornavam de tal modo a voz, que a tornava desconhecida para o ouvido mais perspicaz.

O resumo da recita da *Favorita* foi um triumpho completo para Masini, e uma discordancia inteira do publico com a opinião do critico hespanhol em que já falámos.

Quarenta e oito horas depois d'esse triumpho Masini assignalava brilhantemente e indiscutivelmente na *Lucrecia Borgia* a sua grande superioridade artistica sobre todos os tenores que temos ouvido n'estes ultimos vinte annos.

No papel de Gennaro, Masini, fazendo prodigios como cantor, revelou-nos uma phase nova do seu grande talento — a phase dramatica A morte de Gennaro, feita por elle, é admiravel, é magnifica como trabalho theatral; e o grande *virtuose* mostrou-se explendidamente um grande artista: qualidades que, como é sabido, são perfeitamente distinctas.

A representação da *Lucrecia Borgia* foi um verdadeiro acontecimento artistico, um successo *hors-ligne*.

A Borghi-Mamo, que de dia para dia nos deslumbra com novas maravilhas do seu assombroso talento, foi uma Lucrecia Borgia extraordinaria. Ella e Masini cantaram e representaram a opera de Donizetti de um modo que difficilmente se igualará, e Lorrain, um artista de primeira ordem, dos mais notaveis baixos cantantes que teem vindo a Lisboa, acompanhou-os muito bem, apesar das hesitações inherentes a um papel que pela primeira vez se faz, e ao lado de dois grandes artistas que tantas vezes teem feito os seus, hesitações que o não deixaram accentuar bem a figura tragica do duque de Ferrara com a energia e brilho que o seu enorme talento lhe pode dar.

Eu sinto perfeitamente que estou falando demasiadamente do theatro lyrico, e que esta chronica de Lisboa parece mais uma chronica de S. Carlos.

A culpa não é minha. *Ce n'est pas ma faute* se o theatro de S. Carlos occupa tão largo espaço na vida de Lisboa e se os artistas excepcionaes que alli estão cantando tornaram as representações da *Lucrecia* e da *Favorita* em acontecimentos predominantes da nossa capital.

E se fosse minha a culpa, estava a tel-a todos os dias, porque no fim de contas é muito mais agradavel, muito mais bello, muito mais util mesmo, ouvir cantar assim em S. Carlos, do que ouvir, n'ess'outro santo muito mais caro e muito menos divertido — S. Bento — as discussões violentas e facciosas sobre essa desgraçada questão de Braga e Guimarães, questão desagradavel e perigosa de que a politica se deveria abster completamente, questão em que todos os partidos deveriam collaborar desinteressada e patrioticamente com o governo, para uma resolução pacifica e conciliadora.

A chronica vae longa e de pouco espaço mais podemos dispor.

As horas em que estas linhas se devem estar imprimindo deve estar realisando-se no theatro de S. Carlos uma brilhantissima festa artistica destinada a proteger os filhos de um grande e glorioso desgraçado — o beneficio do famoso e infeliz actor Santos, d'esse enorme artista que, depois de ter assombrado Lisboa com o seu collossal talento, a está assombrando agora com a sua collossal desgraça.

Não se pode imaginar horrores maiores do que os que tem soffrido esse pobre e grande artista, a quem a cegueira arrancou em plena gloria ao palco, e a quem a morte tem ha mezes preso no leito de agonisante, fazendo-o passar seculos de tortura em cada minuto mais que lhe concede de vida, espreitando o sempre, sinistra, implacavel, inevitavel, apagando de ha muito a esperança do espirito de todos que estimam o pobre moribundo, e só não apagando aquella vida, que lhe é um martyrio sem nome, um martyrio que esqueceu aos padres fanaticos e terriveis da edade media, para o seu inferno medonho da outra vida e para a sua inquisição infame d'este mundo.

A historia da longa agonia do actor Santos, a historia do seu martyrologio, é tudo o que ha de mais dilacerante nas tremendas tragedias da vida humana.

O seu espirito, que no meio do anniquillamento do corpo conserva uma extranha lucidez, uma original e terrivel consciencia de tudo que se passa, estava de ha muito preoccupado com o futuro da sua querida e dedicadissima companheira, e dos seus adorados filhos.

Essa preoccupação expol-a elle aos seus amigos mais intimos: foi elle proprio que pediu um beneficio, que indicou o nome d'aquelles que deviam organisal-o.

Esses amigos obedeceram religiosamente á vontade, que se póde bem dizer será talvez a ultima do pobre Santos e organisaram um beneficio a toda a pressa, para que ao menos o desgraçado moribundo tivesse a triste consolação de ver realisada a sua vontade antes de acabar de morrer.

E o seu estado é tão grave, tão melindroso, que devendo o beneficio realisar se vinte e quatro horas depois de escrevermos estas linhas, ao escrevel-as, as noticias que temos d'elle nos fazem receiar que essa festa de caridade para um moribundo, seja já a esmola caridosa aos filhos d'um morto.

Desgraçado Santos!

Gervasio Lobato.

A RAINHA D. MARIA CHRISTINA

REGENTE DE HESPANHA

A morte permatura do rei D. Affonso XII veio depositar nas mãos da rainha D. Maria Christina, viuva do infeliz monarcha, a regencia da Hespanha, durante a minoridade do legitimo herdeiro da corôa.

Este facto fez voltar as attenções da Europa para a joven rainha, que ainda hontem era apenas uma esposa dedicada e uma mãe carinhosa, e que hoje preside aos destinos de um povo irrequieto e onde se agitam aspirações de uma nova fórma de governo, em que a republica não é desdenhada.

É na verdade espiphosa, difficil, compromettedora até, a posição em que o destino de um momento para o outro, collocou a inexperiente princeza, porque além de ter de se honrar a si propria e de defender e sustentar o mandato de que se acha investida, tem de conservar a herança da corôa de que ella é depositaria, para um dia a depôr sobre a cabeça do legitimo herdeiro, herdeiro tambem do seu sangue e que constituirá o seu orgulho de mãe.

Estas considerações sugerem á simples vista em, presença de uma mulher fraca a quem correm deveres e responsabilidades tão importantes, mas se procurarmos conhecer o valor d'essa mulher, se penetrarmos no seu espirito, se avaliarmos a força de vontade que se abriga n'um corpo delicado, onde o espirito avulta muito mais que a materia, depressa nos convenceremos que o destino não foi tão imprevidente como pareceu, na dolorosa collisão em que deixou cair das mãos desfallecidas de um rei, o sceptro, para as mãos convulsas pela afflicção, da viuva d'esse rei tão joven como elle.

D. Maria Christina, que ainda não completou 28 annos de edade, encarou com grande presença de espirito a sua nova situação, e superior á sua dôr, com o pranto mal enchuto, prestou o juramento de regente das Hespanhas, dentro das quarenta e oito horas que se seguiram á morte do rei.

O juramento feito pela rainha, para assim dizer, sobre o ataude de seu marido, foi solemnemente confirmado perante a representação nacional, no palacio do Congresso, em o dia 30 de dezembro de 1885.

O dia estava radiante, de sol descoberto e de temperatura morna.

Uma extensa fila de coches reaes e de carruagens principiou, ás 2 horas da tarde, a seguir do palacio real em direcção ao palacio do Congresso, conduzindo a côrte e grandes de Hespanha; no decimo segundo coche ia a rainha com as suas duas filhas. As ruas do transito estavam guarnecidas de alas de tropa. Os servidores da casa real, casa militar e auctoridades completavam o grande cortejo.

No palacio do Congresso sua majestade era esperada pelo ministerio, senadores e deputados.

A rainha tomou logar no trono e em volta d'este a côrte; as galerias estavam completamente cheias, avultando grande numero de damas.

Em tribunas reservadas via-se o corpo diplomatico, altos funccionarios civis e militares. O aspecto da sala era deslumbrante.

A ceremonia do juramento durou pouco. O presidente do congresso dos senadores e deputados o sr. D. Antonio Canovas del Castillo dirigiu-se a sua magestade nos seguintes termos:

«Senhora: digne-se vossa magestade reiterar ante as côrtes o juramento que ante o conselho de ministros já prestou com respeito ao artigo 69 da constituição».

Ao que a rainha respondeu, pondo-se em pé e collocando a mão direita sobre o livro dos Santos Evangelhos, que o sr. presidente lhe apresentou aberto:

«Juro por Deus e pelos Santos Evangelhos ser fiel ao herdeiro da corôa constituido de menor edade, e guardar a constituição e as leis. Assim Deus me ajude e seja em minha defeza e me guarde.»

Então o sr. presidente dirigindo-se ao auditorio, disse:

«As côrtes presencearam e ouviram o juramento que sua magestade a rainha regente acaba de reiterar, de ser fiel ao legitimo successor de D. Affonso XII, e de guardar a constituição e as leis.»

Calorosos vivas ecoaram por toda a sala do congresso, vivas que acompanharam a rainha até á sahida do palacio.

A rainha regente durante o curto governo que tem presidido, tem dado mostras de muito bom senso politico, apesar de logo em seguida á morte do rei ter havido uma mudança de gabinete, sendo o novo ministerio presidido por Sagasta, chefe do partido liberal.

Esta mudança de governo acalmou os animos, que se achavam ainda excitados pelo conflicto recente com a Allemanha, em que o governo de Canovas se tinha impopularisado.

A rainha Maria Christina entrega-se, quasi sem descanso, ao estudo das leis e outros que lhe interessam para bem se desempenhar do pesado en-

cargo que tomou, e, como já dissemos, os seus estudos são acompanhados pelos dotes naturaes de um espirito claro e fino.

Não se póde precisar n'este momento qual será o legitimo herdeiro da corôa de Hespanha, porque a rainha está no seu estado interessante, e se o que nascer for varão, será este o rei.

A historia da rainha D. Maria Christina começa agora; se ella conseguir salvar a corôa das tempestades ameaçadoras comprimidas nas nuvens acastelladas que cruzam pelo ceo da Hespanha, terá escripto a pagina mais brilhante d'essa historia, será uma heroina.

C. A.

O QUINTO SALÃO

Com o seu grande perfil desengonçado e implorante de pobre velho S. Jeronymo, foragido provavelmente do ermo contemplativo porque já esteja extincta a bemfazeja raça divina dos corvos padeiros, o *Mendigo* de Columbano preside esfarrapadamente á quinta exposição d'obras d'arte, realisada pela arrogante quadrilha do Grupo do Leão, — que d'esta feita se reforçou com alguns novos companheiros, deixando sem duvida para outra vez, em que lhe convenha mais um apoio na sua lucta de vanguarda sapadôra da tenebrosa hostilidade do meio, e mais um rijo elemento fortificante d'expansão e de vitalidade, a admissão do brilhante pintor Marques d'Oliveira e d'outros artistas portuguezes de talento experimentado, a quem se não póde legitimamente levar á conta de crime, castigado d'exclusão, a innocente casualidade de viverem fóra d'esta nobre cidade mal odorante, que o Tejo e a Avenida enchem d'um desvanecimento porventura excessivo.

Em pé, tamanho natural, essa curiosa figura de pedinte picaresco, capaz de jogar a sua chalaça emquanto o transeunte lhe bote um pequeno cobre ao gasto chapeu estendido, miseravelmente vestido de malalinhavados trapos, abordoado ao sujo cacete, marmitá enfiada no magro braço nu, a cara entufada da parda estôpa da barba, é um pedaço de pintura de grande estylo, e realisa caracteristicamente um typo, verdadeiro, plebeu, existente, alquebrado e galhofeiro, bemavindo com o Senhor que manda á gente sol e vinho para todos. A execução tem um aspecto desconchavado, posta em largos planos decorativos, n'uma tonalidade terrosa e vagamente lamacenta, que por sitios parece esfregada com uma rodilha em vez de tocada com a ensopada brocha, e sem a definição saliente dos valores, que lhe daria relevo, a structura harmonica do corpo humano, e lhe tiraria creadoramente o seu ar chato d'exemplar zoologico espalmado n'uma prancha de collecciouador; ao passo que o desenho indicado por negligentes manchas turbulentas esquece-se ás vezes das proporções reaes, e o fundo vem como uma neblina algodoenta cercar singularmente toda a figura. Em absoluto, só a cabeça está acabada, bem viva, modelada com mão poderosa de mestre: o resto, para baixo, o braço molle, a roupa remendada, as pernas que se dobram ao andar, perde-se na primeira improvisação do esboço, feito com uma tal furia inspirada, por dizer assim, que o artista teve talvez medo de lhe estragar a espontaneidade original remodelando-o trabalhosamente. Mas, valha-nos o ceu! De Vinci não vae agora deixar de ser o divino Leonardo, só porque soube desenhar genialmente; e acho que não se poderá commedidamente recusar a immortalidade a Velasquez, sob o pretexto bizarro e caturra de que elle traçou e accentuou complacentemente, com um vigor extraordinario, as hilariantes physionomias dos Borrachos, escalavradas de riso. O proprio Rubens, para amordaçar os azêdos maldizentes que cá ficaram n'este feio mundo de bisbilhotice a commentar com escrupulos a sua formidavel obra de titan e poeta, teve d'alagar epicamente com torrentes luminosas de vida algumas toezas de tela. Ora, se a rapida evocação d'estes grandes exemplos, apparentemente decisivos, bastasse para desviar Columbano das extravagancias de factura, — que, em vez d'evidenciarem a sua maneira, descaem n'um sinistro amaneiramento, — eu não caberia em mim de contente, palavra! Porque estou cheio da indestructivel convicção de que esse exoticismo caprichoso desvaira um pouco o seu talento, prejudica profundamente as suas eminentes qualidades d'observação, impedindo-o, por certo, de vêr á vontade a gloriosa côr, e conduzindo-o a escolher systematicamente a mortiça luz atabafada do *atelier*, e chega mesmo a ensombrar deploravelmente a tendencia superior para o grandioso, que faz de Columbano um artista d'alta stirpe

O mesmo esforço d'elevação dentro da realidade se manifesta ainda na *Cabeça* de mendigo, mãos postas na attitude vulgar da resa. Tem sentimento, com uma chorosa expressão de fervor penitente, — embora, entre nós, a scintillação embaciada do olho, ao mesmo tempo velado e luzido, pareça emanar mais directamente do alcool que da devota fé; como detalhe, as mãos erguidas estão severamente desenhadas. De resto, os vicios de feitura avultam menos, annullam-se quasi, nos pequenos quadros d'este artista excentrico. A *Cabeça* do garoto, que baixa os olhos e franze a testa no acanhamento humildado da *pose*, é d'uma naturalidade flagrante; emquanto que os diversos retratinhos apresentados mostram uma admiravel execução — de bom humor, primorosamente tocados, detalhados por vezes com uma minucia amavel, e as pessoas apparecem-nos taes quaes vivem, com o caracter palpitante da sua individualidade, captivando a nossa communicativa sympathia na intimidade mysteriosa da arte.

Raphael Bordallo concorreu a esta exposição com duas telas estreitas, cortadas ao alto, e em que mais uma vez imita azulejo engenhosamente, com uma enganosa precisão. Intitulam-se *Um accordo* e *Dissidentes*: na primeira, um perfido gato matreiro toca viola, attrahentemente, emquanto um bando de confiados ratos acorre vertiginosamente, para bailar n'um descuido em torno do inimigo hypocrita; na segunda, o trovadôr felino deixa de tanger o instrumento capcioso, e abocanha assanhadamente um infeliz rato, pondo em debandada tumultuaria os outros, espavoridos e arrepellados. E toda esta bicharia, na divertida incoherencia do desenho tracejado a certeiros contornos caricaturaes, pincha, dansa, foge, espreita, e grita com um movimento desordenado e revolto, explosivo de graça.

Os deliciosos malvaiscos decorativos, os desabrochados gyra-sóes, e os amores-perfeitos pintados em faiança, e as rosas de largas pétalas, que a sr.ª D. Maria Augusta Bordallo expoz, demonstram claramente um firme talento de colorista, feitos com uma robustez viril, exactos de fórma, — as tintas um pouco turvas, apenas. A côr das flôres variegadas é sempre bem entoada, sem attingir perfeitamente o natural, como um encantador trecho de musica que se suavisasse n'uma doce surdina. Outra artista de raça, a sr.ª D. Bertha Ramalho Ortigão, executou na *Cabeça d'estudo* um effeito de perfil, que se perde a meio na transparencia vaga da sombra, com uma finura de toque soberba. As suas qualidades felizes d'execução reapparecem no *costume de Vianna*, — atraiçoado, quanto a mim, pelo fundo uniformemente negro, — e sobretudo no *Recanto d'horta*, com a sua ramada pobremente vestida de verdes folhagens, um magnifico bocado de paysagem colhido n'algum dia de primavera, em que o incerto ceu amuado não derramasse com abundancia a loura luz meridional. E com o *Pandeiro* dir-se-ia que se insinuou n'este salãosinho, surrateiramente, uma parcella do gosto requintado de decoração, que usa exprimir na sua prosa de nababo o pae da elegante pintora, o garrido grande escriptor cujo estylo, nas paginas estrepitosas d'alegria, faz como um pittoresco reboliço d'arabescos serapintados, franjados e tintinnabulados de borlas andaluzas, com uma toada envolvente de descante minhôto.

Quanto á sr.ª D. Helena Gomes, que agora debuta em publico, levaria longe a lisonja palaciana se me puzesse a achar graciosos, ou mesmo interessantes, os assumptos dos seus quadros, fructas e flôres, caniçalhos e gatinhos, sensivelmente mal arranjados; mas tambem seria redondamente descortez, e até myope de tacanha especie, se não visse e certificasse que na sua pintura ha certos pedacinhos d'uma factura correcta. Assente o que, peço licença para beijar curvadamente a delicada mão, que pretende glorificar-se manejando os pinceis, e vou-me andando.

Assim como Corot preferia com uma sonhadôra insistencia os effeitos de paysagem finamente pardacentos, argenteados, nevoados d'uma bruma subtil, Silva Porto tem uma predilecção declarada pelos aspectos d'atmosphera intensamente dourados, nas flammejantes e rubras crises crepusculares do sol. Em dois quadrinhos interpretou, d'esta vez, com uma fidelidade maravilhosa, uma bucolica scena matinal, tomada nas margens do Vizella, fresca sob o alaranjamento das claridades nascentes, que trespassam um disperso nevoeiro e palhetam de scintillas as aguas obscuras; e uma quente despedida do astro, vista ao fim d'uma casaria arruada, com o ceu untado pelo candente mel do poente e umas grossas nuvens bordadas e lavadas de fogo laquineo. Com a sua fecundidade rara, Silva Porto trouxe uma variada multidão de pequenas paysagens, cantos de viella aldeã onde mulheres fazem soalheiro fiando e tagarellando, bordas de riachos afogadas de verdejantes champos, um adro de velha igreja com o seu cruzeiro byzantino, pedaços de campo com figurinhas passando á tarde á sombra das corpulentas carvalheiras massiças, nas veigas do Minho e do baixo Douro; e areentas praias babadas pelo ondulante mar infinitamente estendido, passeiadas de pescadôres e atarefadas peixeiras, perfis brancos de campanarios recortados na verdura, musgosas penedias espadanadas d'agua bulhenta, dorsos carrancudos dos montes durienses, planicies ribatejanas arrelvadas em que esguios vultos d'amieiros listram sombras, uma azinhaga arida, coroada por um recorte de fortificação, e cujos vallados se eriçam de piteiras rebarbativas, e os muros vetustos d'um nobre mosteiro antigo torreado e ameiado, e uma saliencia de varanda pintada estridentemente de vermelhão, que se projecta em baixo nas calmas aguas do rio glauco, e um chato rechão atravessado d'esteiros, e onde os redondos moinhos caiados brandem ao vento as suas azas enfunadas. E outros, e ainda mais quadrinhos em que, a par do manifesto ar local, e da verdade que convence, transpira indefinivelmente essa abstracta, aerea, infrangivel, saudavel e penetrante poesia da natureza; emquanto que n'uma tela apparece a figura magistral e moça d'uma lavradeira, que avança no primeiro plano serenamente, como triumphante com o seu braçado de cannas de milho, e parece uma sacerdotisa, labrega e pagã, do trabalho rural, que officie á face do ceu vindimando e sachando, ceifando e cantando.

Mas este grande paysagista, cuja nitida visão investigadora é servida passivamente pela exuberante paleta, continua a exercer tambem a sua mão experiente nos assumptos d'animaes. O vasto quadro dos *Campinos*, cheio d'espaço respiravel, com a sua composição simples e socegada, mostra bem a resistente valentia do processo e a segurança dos recursos do mestre pintor. O grupo do primeiro plano, um espadaudo campino montado dirigindo a vista sobre outro que, em pé, encostado ao pampilho, se apresenta de costas voltado para o seu cavallo, e a attitude torcida do outro campino que, no segundo plano, refreia a alimaria para dizer qualquer cousa esquecida aos companheiros, foram rigorosamente estudados e achados com uma singular felicidade. Homens e bestas estão solidamente postos, com movimento e vida, tratados largamente, mas detalhados na logica proporção relativa ao tamanho das cousas; faz um sol faiscante, a paysagem alarga se extensamente, e ao fundo ergue-se uma violacea muralha montuosa, esfumada de calor. Sómente, uns touros em manada, que se vêem ao longe, encontram-se no estado, evidentemente rudimentar, de caroços d'azeitona, e não ha distancia ou depressão de solo indicada, que justifique aquellas indistinctas manchas tocadas de leve, — um defeito que, decerto, não póde estragar o conjuncto d'uma obra de tão forte envergadura. Uma cabeça salerosamente mantilhada de alvas rendas, uma scena d'interior em que duas senhoras folheiam um album com a invencivel e galante curiosidade feminina, completam a rica exposição de Silva Porto, e servem ainda para documentar a elasticidade do seu talento pujante.

Ramalho pintou com uma bella franqueza alegre de factura o petulante busto de mulher, tafulamente encapuzada d'uma boina escarlate, a cara em perfil cercada de fitas d'igual côr, e toda rosada de reflexos e enfarinhada de pós d'arroz. Os dois retratos de creanças, expostos pelo mesmo artista, d'um desenho composito, encarvoado, esfuminhado, aquatintado, revelam não sei que surprehendente fantasia de mão, e na sua sciencia de diffusos traços e pinceladas habilmente combinados offerecem um imprevisto relevo vivente. O carvão, que apresentou Malhôa, é feito com uma desempenada largueza; mas os seus estudos de figura pendem para uma excessiva vermelhidão violenta, nas carnes, ás vezes um pouco apagados sob tons sujos. Nas paysagens, o avanço perfectivo da irregular maneira d'este pintor de bom pulso brilha desafogadamente, e a *Aldeia dos Escallos* é uma obra de primeira ordem, realisa admiravelmente o logarejo beirão, mal caiado, desmantelado, tendo perto a corrente fraca d'um pobre ribeiro limoso, e por traz as enormes ramarias copadas d'um bosque de carvalhos; emquanto que nos vigorosos quadros intitulados *Ao nascer do sol* e *Ao ca' ir da tarde*, Malhôa põe exultantemente ás soltas, com grande proveito, o seu amor dos contrastes da luz, — a meia treva na terra, debaixo das arvores, no ar a illuminação radiante.

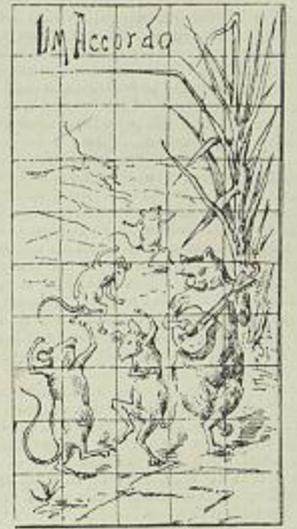
Nas suas marinhas e paysagens, Vaz ostenta uma gorda pasta de pintura cada vez mais consistente; o que me quer parecer notoriamente novo, desusado por este artista, — e lamentavel, é a escassez de luz n'algumas d'ellas, melancolisadas como que

QUINTO SALÃO DE QUADROS

Na *toilette*
Quadro de J. Vieira, adquirido pelo sr. Victor Verol

A Merceana
Quadro de Christino da Silva, adquirido pelo sr. Visconde de Chancelleiros

A Infancia
Busto em marmore por Moreira Rato, adquirido pelo sr. J. L. G.

Praia-mar, Sado
Quadro de J. Vaz, adquirido pelo sr. J. L. G.

Um accordo
Quadro de Raphael Bordallo Pinheiro

Rua da Varzea Pequena, Thomar
Quadro de Martins

Gollegã
Quadro de Silva Porto, adquirido pelo sr. Ferreira Lima

Uma cabeça de mendigo
Quadro de Columbano B. Pinheiro, adquirido pelo sr. João Ulrich

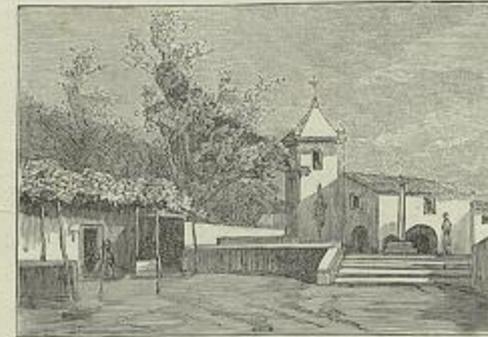
Depois da penitencia
Quadro de Sousa Pinto

Gallo saloio
Quadro de Gyrão, adquirido pelo sr. A. José Braamcamp

Cabeça de estudo
Quadro de Ramalho

Jarro com malvaiscos
Quadro de D. Maria A. Bordallo Pinheiro, adquirido pelo sr. J. L. G.

Ultimo beijo do dia
Quadro de F. Villaça

Recanto de horta
Quadro de D. Bertha Ramalho Ortigão

Senhora da Esperança, Portalegre
Quadro de Henrique Pinto

Flores de campo
Quadro de D. Helena Gomes

d'um crepusculo tristonho em pleno dia. Vieira deu em desdobrar nos seus luxuosos quadros de flôres umas cortinas amarellas, que alastram nodoas de fantasista ictericia, d'um effeito disparatado, entre as luxuriantes rosas, por elle pintadas d'um modo até hoje irrivalisado; pertence á fina raça dos coloristas energicos — o que vae provando tambem nos seus estudos de paysagem. Áparte o bonito quadrinho da *Doka*, os assumptos escolhidos por Christino agradam pouco, e nas suas telas a côr é innegavelmente crua, destemperada; porém a *Merceana* está construida com uma attractiva sinceridade d'execução. Os trabalhos de M. H. Pinto, — agora explorador pincturesco da desolada região norte-alemtejana, e bastante vernaculo nos titulos das suas obras, — são progressivos. Gyrão mostrou-se observador minucioso e attento, consoante costuma e avéza, nos seus pequenos e não muitos quadros com gallinaceos e espertos coelhos devoradôres de couves, empoleirados ou banqueteados na penumbrosa paz das capoeiras.

Martins deveria cultivar as mysticas illuminuras de feitio medievêsco. Parece dotado d'um decidido geito para ressuscitar as toscas e incruentas pinturinhas primitivas, que as beatas fidalguinhas provincianas acolheriam com adoração, e que abençoariam talvez risonhamente os rubicundos conegos, que fungam esturrados rapés pelas cathedraes perfumadas d'incenso.

N'uma paysagem entenebrecida já pela invasão da noite, sob o amarellento luzeiro que se conserva ainda no ceu, um par amoroso de camponezes aparta-se sentimentalmente, trocando, a distancia decente, e por meio da mimica eloquente e calma dos dedos que roçam os labios, os derradeiros beijos do dia; eis aqui um quadro intencionista, a impassivel natureza em concomitancia allegorica com a situação pacata dos amantes, uma especie de symbolismo que, encarado prosaicamente na sua rasteira condição de pintura, pecca pela confusão dos planos, pelo indeterminado da dubia factura, sacrificada por Villaça á sua composição transcendental. Nos quadros de Souza Pinto, que affectam uma simplicidade artificiosa e procurada, sobresáe um precioso acabamento de desenho; mas, exceptuada a soberba *Cabeça de camponez*, a côr é d'uma sobriedade anemica, o toque puramente delambido, e a fria paysagem da *Apanha das batatas* dir-se-ia bafejada d'uma estranha vaporação violeta. Tem que admirar, sem duvida, a laboriosa maneira d'este pintor notavel, — mas faz tiritar a gente.

A estatua de tamanho natural, a que Moreira Rato empresta solemnemente o nome tragico de *Caim*, poderia chamar-se naturalistamente *Homem nu*; porque, sem nada que a torne expressivamente o triste fratricida biblico, apezar da sua cara macambuzia, é um victorioso corpo humano modelado com vivacidade e força, as musculaturas e os membros bem ligados, possante e animado, no espectaculo brutal e heroico da vida. O craneo, — defeito já muito apalpado pela abelhuda critica chocalheira, — destôa, com a sua exiguidade. No moderado movimento harmonico da rapariguinha *varina*, vestida com o seu pesado costume, affirma tambem o moderno esculptor o seu tacto lento e a expedita facilidade dos seus meios conscientes; mas a canastra posta á cabeça parece-me uma superabundancia de detalhe, ou d'*attributo*, que cabe melhor no dominio amplo da pintura. No busto de creança executado em marmore, o trabalho dos cabellos e das flôres que enfeitam o peito, é grosseiro; ao passo que n'aquellas bochechudas faces sente-se carne, tenra, polpuda, viçosa e sã.

E, para terminar, um breve reparo:

Comprehende-se que no «grupo do Leão» predominem os pintores de paysagem, — e perceber-se-ia até que n'este paiz, que em cada rugosidade de terreno, ao dobrar de cada monte, depara incomparaveis effeitos de natureza, surgisse um povo inteiro de paysagistas. Mas porque seguirão todos os artistas, como combinados, o panurgismo da moda villegiatureira, sahindo ao campo unicamente no verão, e enchendo sempre as suas telas com as monotonas verduras estivaes, ingloriamente esquecidos dos ouropeis ferrujentos do outono, quando as folhas revoando como leves aves desamparadas despem os troncos, e das radiosas florações primaveraes, e da nudez sagrada do inverno, quando as arvores levantam para o ceu gravemente os seus ramos intrincados, como braços que supplicam, e que a neve sudarial uma vez por outra vem forrar d'um rôto e fofo velludo branco?

Monteiro Ramalho.

O CRIME DO CORREGEDOR

(Continuado do n.º 255)

XIX

O filho do escrivão do crime

Era o filho do escrivão do crime, que o acaso fizera encontrar com o *Trovão* em circumstancias tão criticas, um homem perdido, cujas devassidões atroavam em toda a Lisboa, impunemente, sob a escandalosa protecção do pae, que era digno de tal filho, pelos exemplos que lhe dava e seus depravados costumes. (1)

Não impedia isto, porém, que Manuel de Pina frequentasse a boa sociedade.

Intimos do corregedor Gabriel Pereira de Castro, que as boas graças de Castella fazia temido e respeitado, estes dois homens procuravam adivinhar-lhe os mais reconditos pensamentos para em tudo o servirem como dois instrumentos cegos e ignobeis da sua vontade.

Havia por esse tempo um homem em Lisboa chamado Simões Pedro Solis que por seu caracter dissoluto e aventuras galantes se tornara o terror das familias, e muitas vezes a sua vergonha e deshonra.

Contavam se d'elle as coisas mais extraordinarias, e a mocidade prevertida, fascinada por essa fama sinistra, disputava se a honra de o ter por amigo.

Manuel de Pina fôra um d'esses.

Mas um dia o pae chamou o e disse lhe:

— Não convém que acompanhes esse homem. O corregedor odeia-o e não ha de vêr com bons olhos que frequentes a sociedade que o rodeia.

Manuel, não por obediencia ao pae, mas no proprio interesse, respondeu.

— Nao tem duvida, pae, eu me justificarei plenamente perante o corregedor...

— E não voltarás mais a associar-te com Simão Pedro Sollis?

— Nem elle m'o consentiria, respondeu Manuel de Pina, sorrindo de uma maneira terrivelmente intencional.

— Estimo, replicou o pae.

No dia seguinte era preso pelos familiares do santo officio um dos amigos mais intimos e mais affeiçoados de Solis, seu companheiro de devassidões, seu confidente e mentor nas emprezas odiosas e indignas em que empregavam a ociosidade e as faculdades do embrutecido espirito, prevertido nos excessos da orgia.

Esse amigo era o dr. André Rodrigues da Cunha, christão novo.

A accusação que lhe era feita não deixava duvida alguma a respeito de quem teria sido o denunciante que a produzira.

Só um homem que privasse muito com o doutor poderia informar os familiares do implacavel tribunal ácerca de particularidades de tal ordem, e esse homem não podia ser outro senão Manuel de Pina, o filho do escrivão do corregedor.

Solis, dotado de um caracter violento, jurou tirar do miseravel espião uma vingança ruidosa, á qual associou os seus parciaes, entre elles Diogo Barrassas, irmão do doutor, e Gaspar Fogaça, christão velho, de costumes dissolutos, que era um dos valentões do seu tempo, homem capaz de tudo, de quem as rondas fugiam e os mais destros se arreceiavam de medir forças.

Em tres noites seguidas percorreram elles toda a cidade em busca de Manuel de Pina.

Enfurecidos, não podendo vingar-se n'elle, Solis e os seus parciaes espancavam brutalmente quantos encontravam nas ruas (1).

Sentindo a dôr das civicias que lhes eram infligidas e a dôr da affronta que lhes era feita, queixavam se as pobres victimas, soltando lamentos sentidos, mas nada abrandava a brutal furia d'aquelles brigões nocturnos, destemidos e temidos em toda a cidade.

Solis declamava então em altas vozes, dizendo-se victima de uma perseguição infame que já havia arrastado aos carceres da inquisição um parente seu (2) e agora lhe arrebatava o melhor dos amigos.

E redobrava de petulancia, distribuindo bordoada para a direita e para a esquerda.

Era isto para que a canalha falasse com rasão de legitimo aggravo, quando chamada algum dia a depor contra elle.

O velhaco do Manuel de Pina conseguira entretanto lograr todas as diligencias empregadas pelos vingadores da sua victima para lhe descobrir o escondrijo.

Refugiara-se no convento de S. Domingos e de lá se correspondia com o corregedor, referindo-lhe o aperto em que estava e expondo-lhe o muito a que por servil o se arriscara.

Era preciso que Solis pagasse a audacia com que se atrevia a espancar publicamente pessoas pacificas e indefezas, e n'este ponto, insinuando se malevolamente no espirito do corregedor, offerecia-se lhe para o que fosse prestavel.

Nem de tanto se carecia para bom entendedor, e o velhaco bem certo estava de que no caso sujeito prestava para muito.

Foi chamado a casa do corregedor.

Combinou-se a entrevista e resolveu se que se effectuasse de noite com todas as precauções.

D'este modo tomou o disfarce que melhor lhe pareceu para não ser reconhecido, e, acompanhado por dois meirinhos, arriscou-se a sair á rua, após tres dias de encarceramento voluntario, na cella do bom fr. de dominicano, que em nada lhe faltara aos deveres da boa hospitalidade.

Atravessaram o Rocio rapidamente, mas ao penetrar no dedalo de ruas estreitas e tortuosas que se lhe seguiam em direcção á Calcetaria, um grupo mascarado atravessou-se lhes no caminho de uma maneira ameaçadora e petulante.

Manuel de Pina, atacado de mortal calafrio, levou a mão á espada e poz-se em guarda.

Os dois meirinhos imitaram-no, mas logo ao primeiro encontro com os terriveis mascarados, deram ás de Villa Diogo e deixaram-no só.

O momento era solemne.

Precisava tirar das fraquezas forças, fazer se homem. Elle nunca fôra valente. O seu forte não era o jogo das armas. Fazia-se valer por outras prendas em que se considerava invencivel.

Os mascarados haviam feito um cerco ao redor d'elle, de sorte que a retirada lhe era inteiramente impossivel.

Tremulo de indignação e de medo, elle viu-lhes reluzir nas mãos vigorosas as espadas flamejantes e não poude conter-se que não exclamasse:

— Quereis assassinar-me, covardes!

E dispunha-se a dizer mais alguma cousa, quando de todos os lados um grito unisono echoou aos seus ouvidos, de maneira não menos penetrante que o gume de uma espada.

— É elle, é elle.

Haviam-n'o reconhecido! Eram os amigos de Solis.

Não podiam ser outros aquelles mascarados. Estava irremediavelmente perdido.

Ia ser assassinado, esquartejado, feito em postas.

N'esta conjunctura correu em seu auxilio um homem extranho, resoluto e generoso.

Era o *Trovão*.

Foi a sua providencia.

Elle com a sua astucia, e aquelle desconhecido com o seu braço vigoroso e invencivel, completavam-se inteiramente e poderiam formar um optimo enlace se chegassem a um accordo, se ambos se podessem entender um dia.

Mas de momento, n'aquella occasião afflictiva, elle nem sequer lhe perguntou como se chamava, e só pensou em ver-se d'ali para fóra, em casa do corregedor.

Em poucos momentos fazia-se annunciar ao magistrado e era immediatamente admittido, o que bem mostrava o interesse com que o esperavam

Ia offegante, pallido, de cabellos irriçados e olhar cheio de espanto.

Gabriel Pereira de Castro, comprehendeu logo á primeira vista que alguma cousa de extraordinario havia acontecido ao filho do escrivão.

— Por Deus, que lhe succedeu?! exclamou fitando-o com o seu olhar penetrante.

— Encontrei o scelerado, ia-me perdendo com elle.

— Mas veiu só? perguntou por sua vez o corregedor. Eu tinha mandado dois homens de confiança...

Manuel de Pina, para mais se fazer valer, exclamou:

— Fugiram miseravelmente. Tive de lutar sósinho, sem outro auxilio mais que o da minha espada, que é felizmente de boa tempera.

— Não deve fiar se muito d'ella... Solis é um homem perigoso e temivel. Arriscou se a muito denunciando-lhe o amigo que elle mais estima e logrando a boa fé com que o recebeu.

O filho do escrivão interrompeu-o.

— Tinha jurado tirar d'esse infame uma vingança qualquer, disse elle.

Estas palavras, calculadamente proferidas com

(1) Dois homens perdidos lhes chama o sr. Ribeiro Guimarães no *Summario da varia historia*, vol. 1, pag. 82.

(1) Da sentença de que são fielmente extrahidos os factos que servem de base á presente narrativa.

(2) Chamava-se elle Simões Soares Pires, e allude se a este facto no accordão da relação que ao diante publicaremos.

O moderno movimento geographico em Portugal

(Continuado do numero 250)

O mais notavel resultado do congresso geographico de 1875, em Paris, foi, sem duvida, a convenção de 12 de agosto do mesmo anno, destinada a promover e a estabelecer, entre todos os povos civilisados, a desinteressada permutação de seus haveres scientificos, litterarios e artisticos, na parte em que essa permutação fosse realisavel sem prejuizo dos permutantes e de seus principaes e mais directos interessados. Como consequencia d'este generossimo pensamento, promover-se-hiam tambem sensiveis facilidades na acquisição de certos productos intellectuaes que, ultrapassando os limites de uma reciproca generosidade, carecessem de trabalhos ou de sacrificios, muitas vezes inaccessiveis aos minguados orçamentos e aos quadros resumidissimos de institutos, assim favorecidos e como que estipendiados por uma universal protecção. Esta especie de tutela internacional brilharia então como um parenthesis de boa e sã confraternidade, aberto n'essa luta de egoismos, que tanto affligem a vida reciproca dos povos e das nações, cuja paz simulada, é quasi sempre, disfarce de latentes e asperos antagonismos.

Eis o texto, traduzido, do accordo a que nos referimos:

«Congresso internacional de sciencias geographicas — Palacio das Tulherias — Commissariado geral — Paris, 12 de agosto de 1875. Os commissarios abaixo assignados comprommettem-se a sollicitar dos seus respectivos governos o estabelecimento, em cada nação, de um instituto central, que tome a seu cargo o collecionamento das publicações cartographicas, geographicas, etc., publicadas por conta do estado e, bem assim, a sua distribuição pelos paizes que adherirem a esta convenção.

Estes institutos, que devem corresponder se directamente, terão tambem a seu cargo a transmissão das communicações internacionaes, feitas pelos estabelecimentos scientificos dos estados adherentes.

Procederão tambem, como procuradores desinteressados, á acquisição, nas melhores condições possiveis, dos livros, cartas, instrumentos, etc., publicados ou fabricados nos paizes, em que vigorar o presente accordo, e que forem requeridos por qualquer d'estes. — Os COMMISSARIOS — *W. Huber*, Confederação Suissa — *Charles Ruelens*, Belgica — *Chakir Effendi*, Turquia — *F. de P. Arrilaga*, Hespanha — *J. Thirion-Montauban*, Republica de S. Domingos — *Conde Christian Vranas*, Romania — *Barão de Watteville*, França — *Walcher de Molthein*, Austria-Hungria — *Déchy*, Hungria — *José Julio Rodrigues*, Portugal — *Aimé Pissis*, Chili — *J. S. Fabricius*, Noruega — *Otto Torell*, Suecia — *Pierre Séménow*, Russia — *Gilbert Govi*, Italia — *R. Lindau*, Allemanha — *Johnston*, Estados Unidos.

Foi o accordo de 12 de agosto um documento notavel, por qualquer fórma porque se considere. Nascido espontaneamente de uma generosissima iniciativa, deve-se quasi por inteiro ao digno representante suisso, e meu presado amigo, o sr. W. Huber, cuja auctoridade, perante o congresso, era apenas egualada, porque não podia ser excedida, pela sympathia immediata que a todos suscitava o seu animo levantado e generoso, o seu trato affectuosissimo e cavalheiro. Escriptor conceituado, investigador erudito, coração de ouro aquecido por sangue de fina tempera, espirito audaz e amoravel, associando á cortezia parisiense a franqueza de um montanhez, foi o sr. W. Huber uma das mais poderosas individualidades do celebre congresso de 1875.

E não se imagine que é por amor do estylo que entramos aqui n'estes desvanecimentos por um ausente, de cujo convivio tanto nos temos arredado, bem a pesar nosso. É o que o sr. Huber é um benemerito da nação portugueza, a quem prestou, em singular conjunctura, o maior dos serviços, que poderiamos todos desejar e receber. Serviço esquecido, serviço ignorado, serviço enorme e mal agradecido, serviço que jámais entrou nos reclames dos jornaes, que não valeu a nenhuma boa alma, d'essas que pullulam sobre a noticia diversa, e que só vestem patriotismo para desacreditarem a palavra, o mais pequeno commentario, a mais breve e singela historia, a mais humilde e microscopica citação! É que o sr. Huber não pertencia nem pertence ás nossas cooperativas de homens por grosso e por miudo e não era nem delegado

---

uma inflexão lugubre e sinistra, fizeram estremecer interiormente o magistrado.

Os seus pequeninos olhos, de uma viveza singular, brilharam de subito, o coração pulsou-lhe de uma alegria ferina.

Aquelle velho, de apparencia grave e austera, cujas cans emolduravam uma physionomia respeitavel, entreabriu os labios n'um sorriso fino e penetrante.

— Pois calculou muito mal a sua vingança, disse após ligeira pausa.

— Ah! senhor! sei que não lhe podia vibrar mais certeiro golpe.

O magistrado, sempre com o mesmo sorriso, retorquiu:

— Podia. Jogou á cabeça, sei. O dr. André Rodrigues da Cunha é a cabeça de Solis, como Gaspar Fogaça é o seu braço direito, mas devia ter preferido melhor jogo.

E tomando pacifica e risonhamente a sua bella pitada de simonte proseguiu:

— Podia ter preferido golpe mais decisivo. Por exemplo o coração.

Manuel de Pina procurava no olhar do magistrado a explicação d'aquellas palavras, entretanto exclamou:

— Esse homem não tem coração, se soubesse...

— Sei que se engana. Todos nós temos coração. Privou com Simão Pedro Solis e...

— Sei que ama todas as mulheres, que onde o seu olhar se fixa, a peste da deshonra deixa um rasto indelevel...

— E não encontrou um lado vulneravel onde descarregasse o golpe certeiro e mortal, exclamou com uma exaltação estranha, que estava em desaccordo com a gravidade da sua posição e com a natureza do assumpto, tão pouco proprio de um homem da sua idade.

— Não!

O magistrado deu um murro na mesa e concluiu:

— Então deixe-se de vinganças e saia de Lisboa se não quer ser feito em postas pelos satelites d'esse libertino.

— Oh! não ha justiça em terra de christãos, exclamou Manuel de Pina. Não é a mim que o sr. corregedor deve mandar sair de Lisboa, mas aos assassinos, aos que perturbam a paz das familias, aos que põem em risco a vida dos homens bons.

O corregedor pareceu de accordo.

— Tem razão, ponderou elle, mas pelos meios ordinarios da justiça nada se consegue. Solis dispõe de grandes influencias. Quiz feril-o no amigo? Pois bem, fique sabendo que se comprommetteu sem resultado, porque o dr. André Rodrigues da Cunha deve sair no primeiro auto solto e livre.

Esta inesperada affirmativa deixou o denunciante inteiramente desorientado.

— É crivel!

— Possuo as provas, replicou o magistrado serenamente.

E mostrou-lhe uma carta do inquisidor geral, em que se comprommettia com elle proprio corregedor a salvar o dr. Rodrigues Cunha das garras da inquisição.

Em vista do exposto subiu de ponto a sua admiração.

Não teve uma palavra que replicar em presença d'aquelle facto para elle tão extraordinario e tão inexplicavel.

Seu pae havia-lhe dito que o corregedor era inimigo irreconciliavel de Solis; que melhor titulo de recommendação á sua estima era odiar esse homem; como apparecia elle proprio agora de subito empenhando-se de coração em salvar um dos satelites mais temiveis d'esse libertino, que odiava, advogando a liberdade do doutor, que elle era o primeiro, a parte pensante do cerebro enfermiço e doentio de Simão Pedro Solis?!

O corregedor tirou-o d'este embaraço, que visivelmente comprommettia a sua perspicacia, dizendo:

— Ha pedidos que são ordens a que não se póde desobedecer.

— Grande valimento de certo havia de ter essa pessoa para dar ordens contrarias á consciencia do integerrimo corregedor do crime da côrte.

— Grandissimo, exclamou o magistrado com vehemencia e paixão, grandissimo.

E após uma ligeira pausa, em que parecia absorto n'uma lucta intima que lhe turbava as idéas, concluiu:

— É uma mulher. Ha dez annos que nas suas mãos sou um escravo humilde e despresivel, que em vão procura rebelar-se e quebrar a golilha ignominiosa da servidão a que ella o condemnou. É uma fraqueza minha, uma debilidade que saberei vencer um dia com o seu auxilio. Jure-me que não trahirá jámais este segredo, que saberá imprimir valor e coragem á minha vontade fraca e quebrantada pelo odio.

Manuel de Pina estendeu lhe a mão radiante.

— Juro, juro, disse com enthusiasmo e a surpreza de quem encontra uma preciosa mina para explorar.

E como desejasse decifrar de prompto o intrincado enygma, perguntou:

— Mas quem é essa mulher, quem...

— Quem?! atalhou o magistrado, nunca o poderia suppor se eu não lh'o dissesse; é a amante de Simão Pedro Solis, comprehende, a unica mulher que elle ama deveras, porque se deixaria matar e affrontaria todos os supplicios e todas as torturas.

Ao dizer isto os cabellos do magistrado haviam-se irriçado, o seu olhar desvairado parecia chammejante, a physionomia inteiramente alterada fazia medo.

Manuel de Pina achava-se no seu elemento, em face de uma intriga vasta, emmaranhada, tendo por cooperador um homem poderoso, por apoio a força, por instrumento a lei, por cumplice o proprio juiz, com toda a sua auctoridade legal, com todo o seu prestigio moral.

Admiravelmente bello!

Por muito alevantadas ambições que nutrisse aquelle abjecto espirito, jámais tão alto subiria a sua phantasia infernal.

O corregedor proseguiu, livido como a morte, sinistro como um espectro:

— Tenho vergonha de mim mesmo. Na idade dos cabellos brancos, entrar em taes confidencias com um rapaz, com uma creança que podia quasi ser meu neto, é improprio, é imperdoavel. Desculpe-me pelo odio que tambem parece votar a esse libertino. Comprehenda pelo que sente o que eu tenho soffrido.

— Ah! Se eu fosse corregedor, exclamou Manuel de Pina dando á phrase uma grande intenção de reserva, se eu fosse corregedor, tel-o-ia ha muito feito assar em vida. Não tivesse eu maiores cuidados.

— Ha dez annos que não penso n'outra cousa, exclamou expansiva e apaixonadamente o magistrado. Abater o orgulho d'essa mulher, vel-a aos meus pés a pedir-me a vida do amante e impôr-lhe humilhação por humilhação, infamia por infamia; impôr-lhe o preço d'essa vida que eu poderia salvar ou perder com um só impulso da minha vontade.

Estaria demente aquelle homem, pensou Manuel de Pina.

— E quanto daria a quem lhe realisasse essa phantasia, perguntou elle afinal, disposto a tirar todo o partido do imprevisto acaso.

— Dava-lhe a minha alma se fosse Satanaz...

— E se fosse um pobre mortal como eu?

— A minha bolsa e a minha amisade estavam ao seu dispôr.

E dizendo isto aquelle homem velho que parecia experimentar ainda todos os ardores da mocidade, abriu a secretaria cujos escaninhos estavam repletos de moedas de ouro e prata.

— Communique-me o seu plano e peça o que quizer.

Manuel de Pina soube ser superior a si mesmo e respondeu com a maior serenidade.

— Nada mais exijo que o seu apoio moral. Solis não ficará devendo nada a nenhum de nós. Todas as suas victimas serão vingadas.

O corregedor estendeu-lhe a mão tremula e com voz commovida poude apenas balbuciar:

— Que minha mulher e meus filhos a quem hei de legar o meu nome..., já mais possam vir a suspeitar.

Podia dizer da sua infamia mas ha muito que se habituara a calar a voz da consciencia accusadora e leal.

Manuel de Pina, tranquilisou-o dizendo:

— Somos igualmente interessados n'este segredo.

— Pensei esta noite. Mandei-lhe preparar aposentos em minha casa. Pense e conte commigo...

Tinham-lhe annunciado alguem que elle esperava ainda essa noite.

Fez acompanhar o seu hospede aos quartos que lhe destinara e mandou entrar a pessoa que ha muito o esperava na sala immediata.

Ora succedeu que ao atravessar essa sala, Manuel de Pina viu de repente essa pessoa e pareceu reconhecer n'ella o seu providencial protector, o que o livrara do mau encontro d'aquella noite.

E effectivamente não se enganara, porque de facto era o *Trovão* que ia, como se sabe, buscar a casa do corregedor corda para se enforcar.

(Continúa)

Leite Bastos.

de qualquer d'elles para qualquer effeito, e que a mão, que traça estas linhas, nunca se prendeu ás *ficelles* que, se podem guindar por vezes ás alturas de legislador ou de ministro qualquer cogumello social, não o poderão nunca tornar sufficientemente comestivel para poder ser devorado pelo paiz sem colicas nem azias.

No nosso subsequente artigo falaremos mais d'espaço do acontecimento memoravel, a que alludimos.

(Continúa) *José Julio Rodrigues.*

RESENHA NOTICIOSA

As pupilas do sr. reitor. Este notavel romance portuguez, de Julio Diniz, está sendo publicado pelo *Gagne-petit*, jornal de Paris, com o titulo de *L'amour de Guida*. A traducção é de Mr. Olivier du Chastel.

Quadros de Rubens e Raphael. O sr. deputado Barros Gomes chamou a attenção do sr. ministro do reino para um quadro de Rubens que existe no coro da egreja de Jesus, em Lisboa, lembrando a conveniencia do referido quadro ser archivado no museu nacional de bellas artes. O sr. ministro do reino prometteu empregar os meios para se conseguir a remoção d'essa preciosidade artistica para o museu. Parece-nos que não é a primeira vez que se tem falado n'este assumpto, e por isso muito é para desejar que d'esta vez se consiga pôr o quadro onde deve figurar. A proposito referiremos tambem o que a respeito dos quadros do mosteiro de Refojos encontrámos em uma folha periodica: «Ha algum tempo tem-se feito silencio ácerca dos quadros encontrados no mosteiro de Refojos, e attribuidos pelo seu proprietario, o sr. Norton, ao immortal Raphael. Este silencio, porem, ainda não é a morte para aquella debatida descoberta. A custa de muito estudo e reflexão, encontrou aquelle senhor o facto altamente importante de ser prior de Refojos o celebre D. Jorge da Costa, cardeal de Alpedrinha, ao tempo em que vivia o grande pintor, e, ainda mais, estar o mesmo cardeal em Roma durante quasi toda a vida de Raphael, e privando com o pontifice, como homem importantissimo que era. Evidenciou tambem que o cardeal de Alpedrinha ligava tal importancia áquelle mosteiro, que tinha por seu commissario com respeito ao mesmo mosteiro um filho do grande Tristão da Cunha, notavel mais que tudo pela embaixada ao papa. Estes factos em verdade cortam uma das maiores difficuldades para que os quadros podessem ser obra do grande Raphael de Urbino. O sr. Norton vae publicar um livro, no qual exporá tudo que o tem convencido da originalidade dos quadros.» Em toda a parte obras de arte d'esta natureza merecem as attenções especiaes dos poderes publicos, porque o seu valor é quasi inestimavel, mas em Portugal, infelizmente, pouca importancia se liga a estes assumptos, sendo muito para notar que, emquanto n'outras epocas distantes o paiz se enriqueceu com obras de arte de primeira ordem, nos ultimos tempos se tem despojado d'ellas com uma indifferença assaz condemnatoria, e que revela uma ignorancia pouco em harmonia com a civilisação dos tempos que vão correndo.

Exposição universal de Barcelona. Projecta-se para Setembro de 1887 uma exposição universal em Barcelona, para a qual já se acham muito adiantados os trabalhos preparatorios. A idea d'esta exposição é devida ao antigo jornalista Serrano Casanova, que tem encontrado a maior cooperação por parte dos industriaes, artistas e negociantes de Barcelona.

QUINTO SALÃO DE QUADROS

Aldeia dos Escallos — Quadro de Malhôa, adquirido por S. M. a Rainha

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Bibliotheca do povo e das escolas. David Corazzi, editor, Lisboa. O n.º 120 d'esta collecção é a *Historia do theatro em Portugal* por João Salgado; o n.º 121 *Romanceiro portuguez*, por J. Leite de Vasconcellos; o n.º 122 *A luz electrica*, por Thomaz Salter de Sousa.

Balladas do Occidente, por J. Leite de Vasconcellos, Livraria Portuense de Lopes & C.ª, successores de Clavel & C.ª, editores, Porto. O auctor d'este livro é já vantajosamente conhecido pelas suas producções litterarias e de investigação. As *Balladas do Occidente* é um formoso livro de poesias, que confirma os creditos do sr. Leite de Vasconcellos, e que tem muita originalidade na fórme e grande pureza de linguagem, muito para notar, hoje que a lingua portugueza anda mais remendada que um pobre de aldeia, não obstante ser tão rica.

Revista do Retiro litterario portuguez. Anno 6.º, n.º 40, Rio de Janeiro. Já por vezes nos temos referido a esta revista, que é publicada por uma sociedade portugueza do mesmo titulo.

Chronica franco-brazileira, *publicação quinzenal*, redactor em chefe Lopes Trovão etc. Paris, n.º 7 do 2.º anno.

O Cadastro da policia, por E. Vidal Valenciano e J. Roca y Roca, traducção de Cunha e Sá, David Corazzi, editor, Lisboa. Sexto e ultimo volume d'este romance, um dos melhores que a Empreza Horas Romanticas tem publicado na sua vasta bibliotheca romantica. Este romance tem ainda a vontagem de ser conhecido do publico de Lisboa, que teve occasião de ver o drama *As duas orphãs*, o qual é d'elle extrahido. O drama commoveu as plateias, o romance com todos os promenores, muitos dos quaes se não reproduzem na scena, augmenta o interesse do leitor.

Os Diccionarios do Povo. David Corazzi, editor, Lisboa Diccionario n.º 4 folhas 11 e 12, inglez-portuguez. Os diccionarios d'esta bibliotheca são os mais baratos que conhecemos o que facilita extraordinariamente a sua acquisição.

Gil Braz de Santilhana, por Le-sage, traducção de Julio Cesar Machado, David Corazzi, editor, Lisboa. Fasciculo 17 d'esta esplendida edição uma das mais luxuosas que actualmente se estão publicando em Lisboa.

Typ. Elzeviriana — Praça dos Restauradores, 50 a 56 — Lisboa.